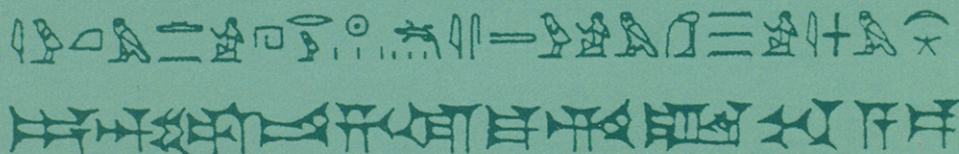


CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

as atividades e os ofícios «urbanos», rematando com a prostituição então existente na altura nos aglomerados urbanos.

Luís Manuel de Araújo recorda com o seu texto o que era então «Viver no templo» (pp. 86-111), desde os primeiros santuários pré-dinásticos e proto-dinásticos, evocando a tradicional iconografia templária, a organização espacial do templo, os servidores do templo e as tarefas de âmbito litúrgico e administrativo que lá tinham lugar.

Finalmente, José Varandas, subdiretor do Centro de História e um reconhecido especialista em história militar da Antiguidade, participou com o tema «Viver no exército» (pp. 112- 141), desde as origens das forças militares no antigo Egito, até à estrutura em uso no Império Novo, tempo dos grandes confrontos com os inimigos da Núbia e do Corredor sírio-palestino.

As recensões ocupam as pp. 143-156 e foram redigidas por Luís Manuel de Araújo, Rogério Sousa e Telo Ferreira Canhão, seguindo-se as normas editoriais (pp. 157-158).

Como no editorial ficou registado, estão previstos seis/sete artigos por revista, dois ou três dedicados ao Egito contemporâneo e a outros períodos da longa história do país do Nilo (islâmico, otomano, ou pós-independência, seja reino ou república) ou sensibilidades religiosas (sunitas, coptas, ortodoxas...), e quatro ou cinco artigos consagrados ao Egito faraónico (incluindo a dinastia ptolemaica e o domínio romano imperial). E, para começar, os cinco artigos que se incluem neste primeiro número de *Hapi* (cuja capa mostra um barco nilótico de madeira exposto no Museu Nacional de Arqueologia), auguram um frutuoso e brilhante caminho a esta nova revista, à qual auguramos um exitoso e merecido futuro.

Luís Manuel de Araújo

A. SHAPUR SHAHBAZI, *The Authoritative Guide to Persepolis*, Teerão: Safiran Publishing Co., 2011, 240 páginas, profusamente ilustrado, ISBN 978-964-91960-5-6

São escassos no nosso país os livros que tratam da civilização persa, em especial da Pérsia Aqueménida, e essa lacuna sente-se de forma mais premente no âmbito da arte que os antigos Persas nos legaram, a qual tem um dos seus mais expressivos testemunhos nas ruínas da área palatina de Persépolis – e este é precisamente o tema da obra de A. Shapur Shahbazi que aqui apreciamos, dedicada a esse local inseparável da história persa, e que, naturalmente e legitimamente, é hoje Património Mundial.

O Autor, de nacionalidade persa (nasceu em Shiraz), é doutorado em Arqueologia pela Universidade de Londres, depois de nesta universidade ter concluído o seu mestrado na mesma área de estudos, tendo fundado em 1974 o Instituto de Pesquisa Aqueménida de Persépolis, do qual foi diretor até 1979. Lecionou no seu país nas universidades de Shiraz e Teerão, e no estrangeiro nas universidades de Göttingen, Harvard e Columbia, onde agora é «senior research scholar», tendo deixado a docência. É também conselheiro da Fundação de Pesquisa Parsa-Pasargadae, continuando a redigir estudos sobre a civilização persa e as suas grandes figuras, nomeadamente os grandes reis Ciro e Dario, merecendo ainda a sua atenção as inscrições em persa antigo. Os seus livros e os mais de cem artigos que escreveu em persa, inglês e alemão são conhecidos por muitos persólogos e orientistas que se têm dedicado ao estudo da temática.

Este livro, que vem na sequência de um volume anterior com o título de *Persepolis Illustrated* (2001), está bem documentado com imagens dos vários monumentos do local e, de acordo com o texto impresso na badana, procura facultar ao leitor e ao viajante, «step by step», uma melhor compreensão das ruínas e do seu significado histórico.

Depois do prefácio (pp. IV-VII) e do índice (pp. IX-XI, não numeradas), surge uma muito sucinta resenha histórica (pp. 3-4), seguida pela evocação dos reis construtores de Persépolis (pp. 5-8), avultando aqui os nomes de Dario I (522-486 a. C.), Xerxes (486-466 a. C.) e Artaxerxes I (466-424 a. C.), tendo-se limitado os seus sucessores aqueménidas a alguns acrescentamentos no complexo palatino.

O Autor recorda os vários nomes que o sítio teve ao longo dos tempos (pp. 9-10), registando-se que a «cidade real» de Persépolis era conhecida pelas inscrições do reinado de Xerxes com o nome de Parsa, que os Gregos chamarão de Persis e hoje é Fars, garantindo A. Shahbazi que a tradução de Persépolis por «cidade dos Persas» não está correta, porque uma tradução mais à letra daria a locução «destruidor de cidades». Hoje o histórico local é conhecido por Takht-e Jamshid, tendo ao longo dos séculos merecido o respeito nacional, desde as antigas dinastias dos Partos e Sassânidas até ao tempo presente.

O sítio é descrito nas pp. 11-13, com um mapa na p. 14, estando no extremo de uma vasta planície limitada por um maciço rochoso designado em persa por Kuh-i Mer, isto é, o Monte de Mitra, evocando desta forma o grande deus solar iraniano Mehr, o «guardião das terras iranianas», reinterpretado como Mithra, e que séculos depois conheceria uma grande difusão no mundo greco-romano. Foi o rei Dario I que escolheu uma plataforma situada no sopé do Kuh-i Mer para aí iniciar um vasto programa de edificações que os seus

herdeiros aumentariam em quantidade e em qualidade. Mas as construções palatinas ali erigidas não eram propriamente a capital do Império Persa dos Aqueménidas, até porque o sítio ficava afastado dos grandes centros políticos e económicos imperiais – Persépolis foi sobretudo utilizada em ocasiões especiais de celebração da monarquia. Esta imagem, que o Autor sublinha citando o arqueólogo e persólogo alemão E. Herzfeld, justifica-se pelo facto de a região onde o complexo palatino foi edificado ser o berço da dinastia aqueménida, estando por isso impregnada de uma forte motivação sentimental e histórica. Quanto à principal celebração anual que lá tinha lugar, era sem dúvida a festa do Ano Novo, conhecida entre as populações semitas da Mesopotâmia como a festa de Akitu (com grandes tradições na Assíria e em Babilónia), e que os Persas manterão com o nome de Nauruz, o dia do Ano Novo, coincidindo com o equinócio da primavera (e que ainda hoje é comemorado como festa nacional iraniana).

O capítulo seguinte (pp. 17-20) trata das várias fases de construção do complexo, ao longo de vários reinados, a partir da ação inaugural de Dario I, que quis edificar outro centro monárquico a sul de Pasárgada, cujos edifícios palatinos datavam do tempo de Ciro, o grande rei de ascendência medo-persa que fundou o império cerca de 550 a. C. E note-se que apesar do impressionante crescimento de Persépolis como principal núcleo reverencial da monarquia, Pasárgada nunca perderia a sua importância porque lá se situava o túmulo de Ciro e era lá que se guardava a maior parte do imenso tesouro reunido pelos Aqueménidas (que Alexandre aproveitará), além de ser em Pasárgada que se realizavam as cerimónias de coroação do novo rei da Pérsia. A interpretação das diversas fases de edificação é facilitada pela existência de inscrições (em antigo persa, babilónio e elamita) que referem a evolução dos trabalhos, os quais se iniciaram com a criação de uma vasta plataforma rochosa onde os edifícios se iriam implantar, o que implicou um árduo esforço de desbaste lítico e de um cuidadoso controlo de linhas de água, desviando-as para ramos laterais. Para robustecer as suas bases, a plataforma foi completada em alguns troços por grandes blocos aparelhados e unidos entre si por elementos de metal, a maioria de ferro (na forma de encaixe conhecida por cauda de andorinha). O amplo terraço rochoso acabou por ficar com uma extensão de 125 metros quadrados.

Para além dos edifícios de âmbito palaciano, que fundamentalmente se dividem na área pública (*apadana*) e na área privada (*tachara*), merecem destaque a zona do tesouro e as fortificações. É a estas que se dedicam as pp. 21-22, tendo as escavações demonstrado que parte do sistema defensivo se baseava em grandes blocos de pedra e tendo outra parte sido feita com tijolos, acompanhando o relevo montanhoso do local. Ao longo do percurso os

muros eram reforçados espaçadamente por torres quadrangulares providas com seteiras, e era lá que se acantonavam as tropas destinadas a vigiar o complexo. As escavações ainda revelaram um detalhe importante: a entrada original, que datava do tempo de Dario I, seria depois abandonada e preenchida com grandes blocos para que a entrada principal passasse a ser a de Xerxes, que dava acesso à Porta de Todos os Países, também chamada Porta de Todas as Nações (pp. 23-24). A primeira parte da obra termina com as inscrições de Dario encontradas em Persépolis (pp. 25-26), redigidas em escrita cuneiforme e com versões em antigo persa (dois textos), em elamita e em babilônio, grafando desta forma, com o mesmo tipo de escrita, três línguas diferentes: o persa (de origem indo-europeia), o elamita (uma língua designada como asiânica) e o babilônio (de origem semita).

A segunda parte, que é a mais desenvolvida, descreve os vários monumentos do complexo palatino e ainda os túmulos reais que foram abertos nos penhascos vizinhos de Persépolis (pp. 31-221), tendo em atenção que praticamente toda a área está ainda a ser restaurada. Começa pelas grandes escadarias duplas de decoração superior ameaçada de tipo zigurático, que conduzem ao terraço onde se erguem os edifícios, com esculturas que, em geral, mostram personagens em poses de dignidade, com destaque para os nobres medos e persas (pp. 31-36). A principal escadaria conduz à espetacular Porta de Todos os Países, designada em antigo persa como Duvarthim Visadahyum, cujas ruínas não escondem de todo a sua antiga grandeza, com os seus touros alados androcéfalos guardiões da passagem (de inspiração assíria), e quatro colunas ao centro, com os altos capitéis rematados com os tradicionais prótomos taurinos (pp. 37-48). Daqui se pode seguir, virando à direita, para a *apadana*, designação dada ao palácio de audiências começado por Dario I e terminado por seu filho Xerxes, com o amplo salão central de 36 colunas, e três pórticos cada um com 12 colunas (tudo múltiplos de 4). Elevam-se isoladas algumas colunas com os seus capitéis incompletos e com as bases mostrando uma típica decoração floral invertida (pp. 53-136). Depois passamos da *apadana* (a área pública) para a *tachara* (a área privada), construída no reinado de Dario I para seu palácio, mostrando pórticos de nítida inspiração egípcia com o típico remate de gola em cornija, mas agora sem os muros que os envolviam, com diversos acrescentamentos de Xerxes e Artaxerxes III, entre outros reis persas (pp. 137-150). Duas imagens lado a lado permitem comparar o estado atual da construção com uma reconstituição da fachada principal da *tachara* dárica, num desenho de Perrot e Chipiez (pp. 137-138), sendo também de apreciar os relevos que mostram o rei dominando o leão, desfiles de guardas e funcionários, servos e portadores de oferendas em posição de subida pela escadaria. Segue-se

a descrição do chamado «palácio H», hoje muito arruinado, com vestígios de obras de vários soberanos, tendo a curiosidade de exhibir como decoração das escadarias não os merlões ziguráticos mas sim um tipo de cornamenta estilizada (pp. 151-154).

Mas se o palácio privado de Dario I é conhecido por *tachara* o do seu filho Xerxes, que tem o dobro do tamanho, é designado por *hadich* nas inscrições que a ele aludem (pp. 155-160), ficando a seu lado o chamado «palácio G» com uma escadaria datada do reinado de Artaxerxes III (p. 161). Na zona leste ficavam as reservadas dependências do harém real, hoje parcialmente reconstruído para funcionar como o Museu de Persépolis (pp. 162-168), o «palácio central» conhecido por Tripilon, com alguns relevos e merlões ziguráticos em bom estado de conservação (pp. 169-184), a área do tesouro, com um aspeto fortificado, onde as bases das colunas demonstram que uma das salas tinha 99 colunas (11x9) e outra retangular tinha 100 (20x5), uma obra começada por Dario I e concluída por Xerxes (pp. 185-192). Maior e mais conhecida é a grande sala conhecida por Sala das Cem Colunas, distribuídas de uma forma mais espaçada que a anterior com o mesmo número de colunas a sugerir a ideia de vastidão e de infinito (pp. 193-208). Seguem-se as breves descrições de outros espaços menores do complexo (pp. 209-213) e os túmulos reais escavados na rocha perto do grande complexo palatino persepolitano (pp. 214-220).

A obra remata com os Apêndices (pp. 223-233), registando os dois tipos de pedra usada na construção: calcário cinzento claro, obtido em pedreiras na zona, e um calcário cinzento escuro explorado em Majdabad, a cerca de 40 quilómetros a oeste de Persépolis, sendo os blocos transportados por via terrestre ou aproveitando cursos de água.

Depois o Autor lembra as medidas utilizadas no corte dos materiais, indo desde a unidade mínima (o dedo = cerca de 22 mm), quatro dedos unidos (cerca de 87 mm), o pé (cerca de 348 mm) e o cúbito (cerca de 522 mm). A preocupação pelo uso criterioso dos números está presente, porque «numbers 3, 7 and 9 were sacred to the Aryans, and at Persepolis many instances of their use can be pointed out» (p. 229). É verdade que a *apadana* de Dario tem 72 colunas, o que para o Autor remeteria para os 72 capítulos do Avesta, o livro sagrado compilado por diversos autores a partir dos sermões de Zaratustra ou Zoroastro. No entanto, o que parece avultar nas colunas de Persépolis é o seu desdobramento a partir do número 4 – esse sim, o número preponderante relacionado com os quatro elementos do universo: a terra, a água, o ar e o fogo (estando este último elemento relacionado com as únicas construções religiosas de vulto erigidas na Pérsia aqueménida, os altares do fogo). É surpreendente que o Autor não faça qualquer alusão

ao número 4, patente no número de colunas que se podem ver em qualquer esquema que mostre as muitas salas do complexo palatino: 4, 8, 12, 16, etc., para além do caso especial da Sala das Cem Colunas, cuja leitura é diferente, sugerindo mais a imensidão e o ilimitado. Quanto ao exemplo que A. Shahbazi enfatiza, com a comparação das 72 colunas da *apadana* dárica com os 72 capítulos do Avesta, convém acrescentar, bem a propósito, que o livro sagrado iraniano se organiza em quatro partes fundamentais (embora existam diversas opções de organização interna da heterogénea obra), e aqui o número 4 merece destaque.

A bibliografia final (pp. 235-239) enumera as obras que foram consultadas para a redação do livro e outras que se recomendam ao leitor, e lá constam os nomes de diversos persólogos atuais e outros já falecidos, seguindo-se as fontes das ilustrações (p. 241).

Afinal Persépolis e as suas impressionantes construções, que ainda hoje continuam a ser alvo de ingentes trabalhos de restauro e de consolidação, merecendo a visita de iranianos e de muitos grupos estrangeiros (entre os quais os que já lá foram em viagens organizadas pelo Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia), permite recordar o Império Persa criado pelos Aqueménidas, que se estendeu desde a Grécia à Índia, bem como as diversas manifestações culturais então forjadas, com relevo para a arte de síntese que procurou, de uma forma harmoniosa e complementar, aproveitar o legado das civilizações do Médio Oriente, do Egito e mesmo da Grécia. Em escassos anos os Aqueménidas construíram um enorme e impressionante império que duraria cerca de duzentos anos, antes da sua destruição por Alexandre, e por isso parece ser demasiado curto, e até mesmo pouco edificante, o «historical background» que é oferecido ao leitor apenas em duas páginas (pp. 3-4).

Por outro lado, a leitura da obra aqui recenseada permite recordar a exposição que a Fundação Calouste Gulbenkian levou a efeito com o título de «7000 anos de arte persa», a qual deu origem a um magnífico catálogo que se encontra há muito tempo esgotado. Mas esse catálogo e este livro de A. Shahbazi serão de proveitosa consulta para os leitores que se mostrem interessados pela temática e especialmente para os alunos da cadeira de Arte Pré-clássica que é lecionada há quase trinta anos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa na licenciatura em História da Arte, e onde a arte persa é matéria integrante do programa de estudos, como remate à apreciação das formas artísticas do mundo pré-clássico.

Luís Manuel de Araújo